

## **“Índios eletrônicos”: uma rede indígena de comunicação**

Dominique T. Gallois\*  
Vincent Carelli\*\*

A década de 90 representou, para a mídia brasileira, um período de intensa transformação e globalização. As TVs a cabo transmitem noticiários de todo o mundo, as antenas parabólicas se multiplicaram aos milhões na zona rural, a TV Escola retransmite a milhares de escolas rurais programações antes reservadas aos centros urbanos. Vive-se a expectativa de uma comunicação abrangente, em que todos os segmentos da sociedade poderiam expressar suas contribuições específicas à construção de uma nação pluriétnica. Espera-se de tal aquecimento na comunicação a revisão de preconceitos, o respeito pelas diferenças culturais, idealmente aproximadas pela via de informações diretamente conduzidas por representantes dos mais diversos segmentos culturais.

Participar desta rede global de comunicação também é a expectativa dos índios. A abertura de novos espaços na mídia representa, para eles, um duplo desafio: o de viabilizar seu espaço e o de controlar a difusão de suas próprias vozes numa mídia que prefere difundir **falas sobre os índios**, em detrimento da **fala dos índios**.

### **A mídia e o “crepúsculo” dos povos indígenas**

O preconceito mais difundido na mídia brasileira é certamente o do “primitivismo” – ou o da fragilidade – das culturas indígenas, que justifica “preocupações” paternalistas sobre seu futuro. É o que afirmava o sociólogo Hélio Jaguaribe quando, em 1995, ocupou os meios de comunicação para decretar que “*o Brasil não terá índios até o final do próximo século*”<sup>1</sup>. Esta versão etnocêntrica de nossa história de relacionamento com as sociedades indígenas não é confirmada pela história vivida por milhares de grupos étnicos diferenciados no planeta. O futuro das sociedades não-ocidentais dependeria, segundo Jaguaribe, da absorção “por conta própria ou por difusão” de elementos de nossa cultura. O sociólogo menciona o uso de equipamentos eletrônicos, como TVs e câmaras de vídeo, como um sinal de assimilação e perda de identidade. Na verdade, os “índios eletrônicos” ainda representam uma pequena minoria, tratando-se de uma tecnologia dificilmente acessível à maioria das comunidades indígenas. Os avanços tecnológicos colocados à disposição dos índios – que sejam manufaturados como ferramentas, armas de fogo ou produtos químicos, dentre os quais os farmacêuticos – nunca representam, por si só, um progresso rumo ao estágio que o sociólogo denomina “civilizado”; tampouco a absorção de bens industrializados dos quais passam a depender representa necessariamente melhoria em suas condições de vida.

O futuro que o Brasil tem oferecido aos índios é via de regra o da marginalidade, resultante da espoliação dos recursos de suas terras, uma situação que não permitiu à maioria dos povos indígenas do país, acesso às novas tecnologias. Um número sempre

---

<sup>1</sup> A matéria do sociólogo é apenas um evento de uma série, difundida pela grande imprensa, que privilegia esta visão etnocêntrica do futuro dos índios. Ver, na mesma série, as matérias intituladas: “Índios: crepúsculo de uma raça” - Manchete, 08.07.89 e “Índios Brasileiros: crepúsculo de um povo” – O ESP, 08.12.96.

crescente de intervenções, de iniciativa privada e governamental, atinge esses povos, sem o necessário repasse de informações. A maioria dos grupos indígenas no Brasil ainda tem uma compreensão limitada das motivações que levam nossa sociedade a interferências das mais diversas em suas vidas, nem tem acesso aos centros de decisão que geram essas investidas. Eles continuam tendo, portanto, uma carência enorme de informação, indispensável para que possam se posicionar em relação a tais ações.

Os índios não se recusam a ser “cidadãos brasileiros”. Tampouco estão alheios, por incapacidade cultural, às técnicas e conhecimentos que lhes permitam melhorar suas condições de vida, em acordo com padrões culturais e formas de organização social que eles não pretendem abandonar. Mas suas formas de apropriação, seletivas, de elementos culturais externos não têm, forçosamente, como resultado, a perda de identidade. Nossa civilização nem “desbota” nem representa uma escolha exclusiva.

Nas últimas duas décadas, os povos indígenas – através de movimentos locais e nacionais – vem investindo no seu futuro, especialmente por meio de novas formas de organização que fortalecem sua presença no país. É nesse contexto de intensificação do contato que esses povos têm tido a oportunidade de dinamizar suas diferenças, não apenas em relação aos não-índios, mas entre si. Sua transfiguração numa categoria de “índio genérico” não ocorreu, nem está em processo. Nem se pode afirmar, hoje, que a preservação das particularidades étnicas depende do isolamento. A experiência mundial e a dos índios no Brasil mostra que a vivência e a afirmação das diferenças resulta de experiências de múltiplas formas de articulação de interesses – econômicos, políticos ou culturais – na interação com nossa sociedade. Cabe indagar, nesse sentido, se os impactos da apropriação e uso de instrumentos de comunicação por “índios eletrônicos”, correspondem ao prognóstico de Hélio Jaguaribe: o desaparecimento de suas culturas.

### **A comunicação entre povos indígenas**

Estudos empreendidos em vários continentes evidenciaram que a apropriação da tecnologia, quando garante comunicação entre culturas, fortalece a persistência das diferenças culturais. No Brasil, algumas experiências localizadas ilustraram como a vivência de intercâmbios, da comparação e do confronto, permitiu a comunidades indígenas um novo olhar sobre suas próprias especificidades culturais que elas passam a valorizar num novo contexto<sup>2</sup>. É exatamente o debate da diferença – especialmente quando levarmos em conta o contexto das políticas assimilacionistas – que representa para esses grupos a oportunidade de reivindicar um espaço próprio e garantias para um futuro mais digno.

O interesse dos povos indígenas em incrementar suas experiências de intercâmbio se torna mais relevante ainda se considerarmos que, no Brasil, os índios estão isolados entre si: existem cerca de 210 etnias, falando 180 línguas e mantendo enorme diversidade cultural, multiplicadas pela variação das experiências de contato. Quando obtêm informações sobre a existência de outros povos indígenas, quando percebem que todos experimentam as mesmas dificuldades no convívio com os “brancos”, quando se sentem, então, muito mais numerosos, eles captam a dimensão da posição de “índio” que lhes reservamos. Aprendem uns com os outros novas formas de interação com a sociedade

---

<sup>2</sup> Cf experiências retratadas em vários documentários da série *Vídeo nas Aldeias: A Festa da Moça*, 1987; *Vídeo nas Aldeias*, 1989; *O Espírito da TV*, 1990; *A arca dos Zo'é*, 1993; *Eu já fui seu irmão*, 1993 e *Morayngava*, 1997.

nacional, constroem alternativas próprias que experimentam primeiro internamente, mas que também estão interessados em divulgar. São novas modalidades de representação que envolvem a reconstrução de sua auto-imagem, um processo seletivo de particularidades culturais, que cada povo realiza em função de sua experiência e de seus interesses no contato. Os povos indígenas se fortalecem em situações de comunicação, nas quais as situações particulares fazem sentido e quando eles podem manifestar respostas culturalmente adequadas. O formato de suas culturas depende, efetivamente, de uma dinâmica de recriação permanente de diferenças, que assumem como afirmação política e que tem muito a ganhar no acesso aos meios de comunicação. Esta é a verdadeira face do “índio eletrônico”.

O *Projeto Vídeo nas Aldeias*, do *Centro de Trabalho Indigenista / CTI*, tem realizado – nos últimos dez anos – uma experiência de intervenção reveladora nesse sentido, colocando à disposição de algumas comunidades indígenas informações e tecnologias que permitiram a manipulação de sua própria imagem, construindo uma rede de videotecas em aldeias, incentivando o intercâmbio e treinando câmaras indígenas. Implantar um monitor de vídeo numa aldeia é, no conceito comum e nas intenções do *Projeto Vídeo nas Aldeias / CTI*, uma revolução tecnológica. Representa um curto circuito direto da cultura oral para os meios audio-visuais, sem passar pela escrita. E justamente por não passar por esta via individualizada de apropriação e transmissão de conhecimentos, potencializa processos tradicionais, como o debate coletivo da informação, no momento da apropriação de novas informações. Ao registrarem e visualizarem, no pátio das aldeias, suas performances – sejam rituais ou negociações políticas – essas comunidades selecionam, reconstróem e fortalecem manifestações culturais que elas desejam preservar para as futuras gerações e, sobretudo, que elas julgam adequadas para se contrapor aos não-índios. Neste segundo momento, a exigência de acesso à informação se completa com a exigência de comunicação.

### **Vozes indígenas nos novos espaços da mídia televisiva**

No atual contexto de expansão da mídia no Brasil, o desafio que se coloca aos índios – e às entidades que têm investido há vários anos na superação das barreiras da comunicação e da tutela imposta aos índios – é garantir-lhes espaço nestes novos canais. A abertura da mídia à voz dos índios deverá contribuir à produção de materiais alternativos aos clichês exóticos e/ou catastróficos embutidos no *currículum* escolar brasileiro e na maioria dos programas da mídia televisiva. São imagens que reiteram o papel marginal das sociedades indígenas em nosso futuro, focalizando, sempre, uma das duas pontas de nossa história de contato com esses povos: ou a origem, ou o término de um processo considerado irreversível de apagamento das diferenças culturais.

No Brasil, os povos indígenas saíram do isolamento e, neste processo, formularam demandas específicas para a nossa sociedade, que são raramente abordadas nos documentos que pretendem tratar do “problema do índio”. A maior parte dos documentários difundidos na mídia televisiva continua evidenciando o fascínio pelos saberes tradicionais e o saudosismo diante do desaparecimento dessas técnicas ancestrais. Este ponto de vista persiste em abordar a situação dos índios nos termos impostos pelo preconceito comum de “povos ameaçados”. Ou seja, trata parcialmente dos impactos da globalização da cultura, na forma de uma simples denúncia das “perdas” “sofridas” pelas culturas “dominadas”.

Os índios não se reconhecem nestas imagens, que representam sempre a versão de algum “branco” sobre eles, comprometido com a idéia da fragilidade de suas culturas, descritas em suas características “primitivas e autênticas”, e conduzidas na perspectiva da superioridade de nossas formas de desenvolvimento, quando descrevem os problemas de adaptação no convívio com nossa sociedade.

Apostando no futuro e demonstrando seu dinamismo cultural, as imagens produzidas pelos índios sobre si mesmos não evidenciam preocupação com a preservação simples de traços culturais que nós filtramos como “autênticos”. Suas produções evidenciam outro fio de memória, que lhes é próprio. Nessas sociedades, a memória da tradição, relacionada à dinâmica da oralidade, revela outra dimensão de autenticidade, manifesta na vivência de processos de contínuas adaptações. Esse é o conteúdo de algumas produções dirigidas por documentaristas indígenas<sup>3</sup> que expressam a maneira como suas comunidades vêm mantendo acervos culturais próprios, que elas estão agora interessadas em difundir nos meios de comunicação.

Para combater os preconceitos existentes no senso comum acerca dos índios, é essencial, portanto, atualizar as informações do público, com respeito aos ganhos obtidos na apropriação da “eletrônica”. Se é de fato aceito que a experiência da comunicação globalizada representa para os índios um processo extremamente rico de atualização de suas identidades, eles teriam assim oportunidade de participar diretamente deste debate, em nível nacional.

Dar voz aos índios é permitir que eles expressem, sem tutor, sua posição quanto ao convívio com nossa sociedade. Em inúmeras oportunidades, líderes indígenas investem todos seus esforços em passar suas reivindicações locais ao nível global da comunicação, dominada por não-índios. Uma janela que eles encontram dificuldade de abrir, no Brasil.

Austrália e Canadá, dois países que massacraram culturalmente e economicamente suas minorias, incluíram recentemente em suas constituições o direito dessas minorias à redes de comunicação próprias, difundidas em língua nativa. Tudo indica que esses países acabaram admitindo que as minorias étnicas não iriam desaparecer e que sua permanência não representa nenhuma ameaça à soberania nacional. No Brasil, essas “preocupações” com relação aos índios ainda não foram superadas.

É portanto urgente a abertura de um espaços exclusivos para os índios na mídia, através dos quais eles teriam a oportunidade de responder ao olhar que nossa sociedade coloca sobre eles. Graças à eletrônica, as objetivas de suas câmaras poderão retransmitir para o mundo o ponto de vista dessas comunidades sobre as “ameaças” que pesam sobre suas “técnicas ancestrais”, mas também as opções que esses povos estão tomando para defender sua participação ao desenvolvimento, seu interesse em adquirir novos saberes, o modo como estes conhecimentos são absorvidos, adaptados, através de processos criativos, reveladores das diferenças culturais. Para abrir-se à voz desses povos, é preciso abandonar a perspectiva da distância para privilegiar a da aproximação.

Priorizar o contato exige priorizar a demanda de interação que esses povos colocam para nossa sociedade, difundir, nos espaços da mídia televisiva, todo um acervo de experiências que eles tem a oferecer à nossa sociedade.

---

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, os documentários de Kasiripinã Waiãpi: *Nossas festas*, 1995 e *Caime Waiassê (Tem que ser curioso)*, 1997 (Vídeo nas Aldeias / CTI).

---

\* Dominique Tilkin Gallois é profa. dra. do Depto. de Antropologia da FFLCH-USP, autora de *Mairi revisitada* e co-diretora dos vídeos *A arca dos Zoé* e *Segredos da Mata*.

\*\* Vincent Carelli é videasta e um dos idealizadores do projeto Vídeo nas Aldeias do CTI e co-diretor dos vídeos *A arca dos Zoé* e *Segredos da Mata*.